

O intelectual feiticeiro



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

EDUARDO GUIMARÃES

GUSTAVO ROSSI

## **O INTELLECTUAL FEITICEIRO**

EDISON CARNEIRO E O CAMPO DE ESTUDOS  
DAS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

---

R735i Rossi, Gustavo  
O intelectual feiticeiro: Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil /Gustavo Rossi. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Carneiro, Edison, 1912-1972. 2. Negros – Salvador (BA) – Vida intelectual. 3. Salvador (BA) – Relações raciais. 4. Salvador (BA) – Civilização – Influências africanas. I. Título.

ISBN 978-85-268-1329-8

CDD - 305.80098142

- 305.896081

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Carneiro, Edison, 1912-1972	305.80098142
2. Negros – Salvador (BA) – Vida intelectual	305.80098142
3. Salvador (BA) – Relações raciais	305.80098142
4. Salvador (BA) – Civilização – Influências africanas	305.896081

Copyright © by Gustavo Rossi

Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Para Marília*



## AGRADECIMENTOS

Já disse um historiador da arte que uma pintura nunca se resume a meras representações da realidade. Ela é também o registro de uma experiência; o testemunho das relações entre um pintor e o universo mais amplo de pessoas, grupos e instituições que tornaram aquela obra não apenas executável, mas também um objeto pleno de sentidos, afeições e energias tanto individuais quanto coletivas. Um livro, estou certo disso, não é diferente. Muitas foram as pessoas e instituições que estiveram envolvidas na realização deste livro, resultado de minha tese de doutorado defendida no Departamento de Antropologia da Unicamp, em março de 2011, e aqui apresentada com algumas modificações.

Sou grato, neste sentido, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelas bolsas de estudos de doutorado e pós-doutorado que permitiram a realização da tese e, depois, esta sua publicação em livro. À Fapesp, devo ainda um agradecimento adicional pelo auxílio-publicação que obtive, com a ajuda de Antonio Sergio Guimarães, para a edição da obra pela Editora da Unicamp. Igualmente providenciais foram os recursos que recebi do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão (Faepex), os quais me permitiram as primeiras incursões nos arquivos, ainda no ano de 2007. Estendo os agradecimentos à Edi-

tora da Unicamp, na pessoa de Ricardo Lima, pela compreensão em relação à entrega do manuscrito final, que demorou mais do que o esperado.

A Vivaldo da Costa Lima (*in memoriam*) e Waldir Freitas Oliveira. Ambos compartilharam, sem reservas, suas lembranças do amigo Edison Carneiro, bem como seus acervos pessoais, sem os quais este livro seria outro. A Philon Carneiro, filho de Edison, sou sinceramente grato pela generosidade com que recebeu a ideia de um trabalho sobre o pai, prestando inúmeros esclarecimentos, depoimentos e ainda cedendo muitas das imagens que aparecem neste livro. Também à Edíria Carneiro (*in memoriam*), cuja entrevista representou um dos momentos decisivos para melhor compreender a saga familiar dos Souza Carneiros.

Durante a realização do doutorado, na Unicamp, tive a chance de conviver com professores que fizeram das aulas um ambiente de debate franco e aberto. Em particular, gostaria de mencionar aqui Suely Kofes e Omar Ribeiro, pela interlocução sempre estimulante, e John Monteiro (*in memoriam*) pela arguição criteriosa no exame de qualificação. Como pós-doutorando no Departamento de Sociologia da USP, entre 2012 e 2015, beneficiei-me enormemente dos encontros com Antonio Sergio Guimarães e seu grupo de orientandos, cujas discussões me ajudaram a ampliar e rever perspectivas sobre meu trabalho.

Aos membros da banca de doutorado: Sergio Miceli, Antônio Sergio Guimarães, Fernanda Peixoto e Mariza Corrêa, pelas críticas e pelos comentários feitos na ocasião, mas também pelo diálogo que tenho tido o privilégio de manter com cada um deles. À Mariza Corrêa devo uma menção especial, pois, além de presente na qualificação, foi uma fonte inesgotável de pistas e argumentos que, na medida do possível, tentei contemplar no trabalho.

À Heloisa Pontes, orientadora da tese, qualquer agradecimento seria insuficiente para expressar a importância de sua



orientação na minha formação acadêmica e intelectual. Se este trabalho possui algum mérito é porque tentei estar à altura do dela.

Aos amigos, tanto pelo diálogo quanto pela constante atualização da certeza de que estamos construindo algo coletivamente: Luís Felipe Sobral, Rodrigo Ramassote, Taniele Rui, Nashieli Rangel, Raquel Wiggers, Gabor Basch, Ana Paula Palamartuchk, Lívia Moraes, Daniela Araújo e Christiano Tambascia.

Aos meus pais, Sílvia e Luizito, pelo apoio sem reservas e pela compreensão com a distância e os momentos de ausência frequentes que tornavam difícil reunir a família. Mas também a Rogério e Natália, minha irmã, sempre pronta a dar um “mimo” ao irmão e compartilhar as muitas alegrias e angústias de nossas escolhas, tão próximas e tão distantes a um só tempo. À Vó Edith (*in memoriam*), a singela homenagem à contadora das histórias que foram os primeiros “livros” que aprendi a ler. À família *torta* Ângela, Marcos, Vó Therê, Marcelo, Daniel e Adrianas. A todos eles sou grato pelo afeto e pelo carinho que sempre dispensaram durante a realização deste trabalho.

Por fim, o mais difícil, agradecer Marília Giesbrecht, minha esposa e uma das minhas mais agudas leitoras. A ela dedico este livro, o que ainda assim é muito pouco diante da alegria que tem sido poder contar com seu amor e companheirismo, inundando de sentido esta “nossa caminhada” pela “estrada afora”.



## SUMÁRIO

PREFÁCIO – O FEITIÇO DA COR E OS DILEMAS DA RAÇA <i>Heloisa Pontes</i> .....	13
INTRODUÇÃO – TRAJETÓRIA E METAMORFOSES DE UMA VOCAÇÃO PERDIDA .....	21
1 – UMA FAMÍLIA DE CULTURA: OS SOUZA CARNEIROS E SEU MUNDO .....	37
1.1 – Os Souza Carneiros.....	40
1.2 – A morte “branca” do engenheiro “mulato” Antônio Joaquim de Souza Carneiro.....	57
1.3 – Raça, classe e cor nas poesias de juventude.....	77
2 – ACADEMIA DOS REBELDES: MODERNIDADE E MODERNISMO VISTOS DA PROVÍNCIA.....	97
2.1 – Oswaldo Dias da Costa (Salvador, 1907-Rio de Janeiro, 1979).....	110
2.2 – Jorge Amado (Itabuna/Bahia, 1912-Salvador, 2001).....	113
2.3 – <i>Meridiano e O Momento</i> : Modernidade, modernismo e imposturas intelectuais.....	116
3 – EDISON CARNEIRO E OS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS DA DÉCADA DE 1930 .....	151
3.1 – Rebelde e comunista .....	151
3.2 – As lições do mestre: Nina Rodrigues.....	168

3.3 – Arthur Ramos e Gilberto Freyre: Os “donos de assunto” .....	175
3.4 – Edison Carneiro: O “discípulo” vermelho .....	197
3.5 – Camarada Nina Rodrigues e <i>sêo</i> Ramos: Posições em falso do intelectual feiticeiro .....	218
3.6 – Ruth Landes e <i>Cidade das mulheres</i> : Edison Carneiro na encruzilhada e sob o incômodo olhar estrangeiro .....	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ETNOGRAFIAS E HISTÓRIAS DA VIDA INTELECTUAL .....	239
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	253
Arquivos consultados .....	253
Bibliografia de Edison Carneiro consultada .....	253
Demais fontes consultadas .....	259
Bibliografia geral consultada .....	266

## PREFÁCIO

### O FEITIÇO DA COR E OS DILEMAS DA RAÇA

*Helôisa Pontes*

Jorge Amado já era um escritor reconhecido quando saudou *Religiões negras*, livro de estreia do baiano Edison Carneiro. Apesar de ter acalentado o sonho de ser mais que um escritor de província, foi como estudioso dos candomblés, atento às marcas africanas no país, às imbricações entre raça e classe e à importância da liberdade dos cultos e dos ritos afro-brasileiros que o nome de Edison Carneiro, associado até então à cena intelectual e jornalística de Salvador, ecoou no Rio de Janeiro. Os termos utilizados por Jorge Amado na nota crítica redigida em 1936 sobre o livro do amigo de juventude, comunista como ele, esboçam um retrato curioso do autor.

Noutra época menos angustiosa que a nossa, Edison Carneiro não seria ensaísta. Seria o poeta desta Cidade da Bahia. Estranho Edison Carneiro. Calado, feio e dobrado sobre si mesmo, eterno cicerone que leva os amigos aos pais de santo. A imaginação o levou aos meios africanos, ao mistério das macumbas, à beleza dos candomblés. *Religiões negras* é um livro de quem conhece o assunto não só por leitura, não só pelo que leu nos outros, mas de quem conhece de contato direto. Um estudo feito por um homem da mesma raça que os estudados. Um membro das religiões negras que é ao mesmo tempo um dos sujeitos mais cultos do Brasil.

O título que Jorge Amado deu a essa nota, “o jovem feiticeiro”, foi tomado de empréstimo por Gustavo Rossi para caracterizar a singularidade de Edison Carneiro. Intelectual feiticeiro, Edison extraiu sua força e legitimidade, nas palavras do autor, da “proximidade distanciada com o universo negro baiano”. Conhecedor do assunto por dentro, praticante e ogã, ele *era e não era* “um deles”, da “raça negra”. Filho de uma família educada, com inscrição na vida intelectual e política de Salvador, Edison converteu a cor da pele “em trunfo político e intelectual, sem borrar as fronteiras simbólicas entre ‘eles’, ‘os negros’, e ele próprio”. Não por um ato apenas de vontade individual – ou de “cegueira” se a lente for a que usamos para tratar das cotas raciais –, mas porque ele cresceu em Salvador, cidade onde os “pretos pobres e mulatos e quase brancos são tratados como *quase pretos de tão pobres*” – na imagem precisa da canção de Gilberto Gil e Caetano Veloso.

A constatação de que a pobreza enegrece sintetiza uma situação perversa de desigualdade social. Mas não só. Ela explicita também uma dimensão da experiência que a bibliografia científica sobre os marcadores sociais da diferença só veio a “descobrir” alhures e no final dos anos 1980: a noção de que raça, classe e gênero são categorias que circulam e só podem (e devem) ser apreendidas em suas conexões. Gênero e raça não são dimensões estanques às quais se adiciona, cumulativamente, a posição de classe. Elas são, antes de tudo, “categorias articuladas, construídas através da classe”.<sup>1</sup> Com recursos expressivos distintos, isso já havia sido captado pela literatura de Jorge Amado desde os anos 1930. E era sabido e experimentado por Edison Carneiro, como

---

<sup>1</sup> Sigo aqui o raciocínio (e as palavras) de Anne McClintock, demonstrado em seu livro, *Couro imperial: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010, p. 152.

revela Gustavo Rossi neste livro brilhante, premiado pela Capes como melhor tese de doutorado em antropologia de 2012.

Num dos romances de maior sucesso de Jorge Amado, *Capitães de areia*, o menino de rua e herói da trama, Pedro Bala, apesar de branco, vai como que enegrecendo ao longo da narrativa à medida que sua identificação com os símbolos da cultura negra se converte em luta pela liberdade de todos aqueles que ele vê como oprimidos: os pobres, os negros, os brancos quase negros, explorados pelo capital. Nesse deslizamento semântico de Jorge Amado, raça se transforma num atributo de classe, “uma dimensão simbólica, socialmente atribuída e avessa a enquadramentos biológicos”, conforme mostrara Gustavo Rossi em seu livro anterior, *As cores da revolução*.<sup>2</sup>

A perspectiva utilizada pelo intérprete para abordar a literatura de Jorge Amado na década de 1930 ganha voltagem analítica redobrada na maneira como ele desvela aqui a trajetória de Edison Carneiro e a trama de injunções históricas, sociais e biográficas que, no decorrer dos anos 1930, impregnaram sua produção e a inserção no campo de estudos das relações raciais. O assunto incandescente corria junto com a virada culturalista e o desmonte das surradas explicações raciais – nas obras de Gilberto Freyre, Arthur Ramos e do próprio Edison – no início da institucionalização das ciências sociais nas universidades recém-criadas e da vinda de pesquisadores estrangeiros interessados em entender a particularidade das relações raciais no país.

Ao contrário de Gilberto Freyre, cuja notoriedade é indiscutível, o folclorista, jornalista, historiador e etnógrafo Edison Carneiro foi sendo empurrado para a vala comum dos autores “envelhecidos” e datados. Mais conhecido no passado do que no

---

<sup>2</sup> Cf. Gustavo Rossi. *As cores da revolução*. São Paulo, Annablume/Fapesp/Unicamp, 2009.

presente, ele enquadra-se na situação daqueles que não “dispensam as apresentações”. Mas longe de ser ato de justiça a um autor emudecido por forças intelectuais e biográficas examinadas com argúcia ao longo do livro, o objetivo de Rossi é mostrar de que maneira esse “intelectual feiticeiro”, “feito e dobrado sobre si mesmo”, a um só tempo “um deles, da raça negra” e um de “nós”, das elites educadas baianas, ilumina “processos e condicionantes mais abrangentes da atividade intelectual no Brasil”.

Por aí já se veem o tamanho e o acerto da ambição analítica do intérprete: fazer uma antropologia histórica das práticas intelectuais. Por isso, o livro não é uma biografia estrita de Edison Carneiro, tampouco uma interpretação da totalidade de sua obra. É antes uma análise cruzada da vida familiar; das experiências de juventude na Academia dos Rebeldes, frequentada também por Jorge Amado; dos primeiros escritos poéticos com a dicção travada pelo modernismo acanhado da província; de seu envolvimento com a etnografia da cultura e da religiosidade afro-brasileira; da parceira amorosa e de trabalho com a antropóloga Ruth Landes; da relação assimétrica com Arthur Ramos – um dos “donos do assunto” das relações raciais, ao lado de Gilberto Freyre, até a chegada de Edison Carneiro. Dessa trama resulta uma compreensão densa das relações da família de Edison e das ligações da vida intelectual com a política, escrutinadas pelo autor com lente de aumento forte o suficiente para enterrar com pá de cal as fantasias oniscientes de dicção autoral imune aos constrangimentos extraintelectuais. Outro ponto importante desvelado no livro é o rebatimento da institucionalização das ciências sociais na progressiva desvalorização da figura do intelectual polivalente como era Edison, impulsionada pela afirmação de novas posições de prestígio e hierarquia no campo de estudos das relações sociais.

A aproximação de Gustavo Rossi com o universo social, cultural e familiar de Edison Carneiro, seguida pelo acompanha-



mento de sua estreia como poeta aos 16 anos, revela, de um lado, o modo como ele e seus parentes quase não se viam (e não eram vistos) como negros e explica como foi possível atribuir a cor branca na certidão de óbito do pai mulato. De outro lado, mostra como Edison “foi aprendendo a ordenar simbolicamente suas posições na sociedade baiana”. As poesias de juventude, discutíveis do ponto de vista literário, são um manancial quando lidas na chave proposta por Rossi. Somadas à “morte branca do pai”, elas funcionam como objetivações eloquentes das representações de Edison sobre seu lugar na sociedade baiana, permeado pelos dilemas e angústias de um jovem com pretensões literárias em relação às chances ambivalentes de futuro no mundo das letras. O silêncio quanto à negritude, mostra-nos o intérprete, “é revelador das possibilidades de Edison Carneiro e sua família em investir (e serem investidos) de qualidades e distinções que colocavam a raça em suspensão”.

Por isso não é aleatório o choque sentido por Edison quando a parceira de trabalho e namorada por um tempo, Ruth Landes, nomeou sua “raça” como um obstáculo para os planos que ele nutria de fazer uma viagem de estudos pelo sul dos Estados Unidos: “Lá, eles o incomodarão com o pretexto da sua cor”.<sup>3</sup> Ao ouvir isso, o rosto de Edison teria se “contorcido como se [ela] o tivesse chicoteado sobre os olhos”. A agonia que o constrangimento dele provocou na antropóloga norte-americana é análoga à surpresa que ela teve por ocasião da sua chegada à Bahia em 1938, ao serem apresentados: Edison, ela não sabia até então, era “mulato, da cor trigueira chamada parda no Brasil”. A ela pareceu significativo que, nas cartas de apresentação redigidas por colegas brancos para intermediar o seu contato com Edison, eles não houvessem “mencionado a sua raça ou cor”. Para eles, prossegue

---

<sup>3</sup> Cf. Ruth Landes. *Cidade das mulheres*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2004, p. 50.

Ruth, “isso não importava. Aceitavam-no pelo seu provado valor como jornalista e como erudito. Ele vinha de uma família pobre mas boa, qualificada de fidalga”<sup>4</sup>

Por pertencer ao tipo de família chamada de “negros brancos”, isso explicaria, nos termos de Ruth, “a ausência de preocupação especial de Edison com a raça dela” (isto é, com o fato de Landes ser branca e judia). Esse jogo enviesado de espelhos, em que cada um se via a partir das categorias vigentes em suas sociedades de origem, teve efeito na percepção e na prática de ambos, como revela Rossi. Treinada nas lides acadêmicas da antropologia norte-americana, partidária da viagem como condição primeira para o trabalho de imersão do antropólogo no campo, realizado sempre em terras outras que não as do próprio país, Ruth Landes, com auxílio de Edison, foi se aproximando do candomblé, reino e cidade das mulheres negras, segundo o título famoso de seu livro. Nessa aproximação defrontou-se com dimensões inusitadas de gênero e raça, produzidas pela condição de antropóloga mulher no meio de uma sociedade regulada por padrões de sociabilidade e de etiqueta bem diversos dos experimentados por ela na cidade onde crescera e se formara, Nova York.

Edison Carneiro, por sua vez, sem deixar a cidade natal, ampliou a percepção e o entendimento do universo religioso afro-brasileiro, do qual se avizinhou de início como jornalista. Embora ele não tenha se deslocado de um país para outro, como fez Ruth, viu-se confrontado, a partir do encontro com ela, com a sociedade baiana de uma maneira que até então lhe era desconhecida. Treinou o olhar, segundo Gustavo Rossi, por meio das “*viagens* a espaços e mundos sociais” distintos do seu: os bairros distantes de Salvador, habitados pelos pobres e negros, onde se pratica uma religiosidade eivada pela herança cultural africana,

---

<sup>4</sup> *Idem*, pp. 49-50.

vista com temor e fascínio pelas elites locais, com suspeição pela imprensa e atacada com repressão pela polícia. Para alcançar esse mundo, Edison “viajou” pelos bairros e se deslocou entre classes, enfrentando mosquitos, as calças cheias de carrapichos, os atabaques ensurdecedores, preocupado, conforme registrou em artigo publicado em 1934, em não perder o “último bonde para deixar a África e regressar ao Brasil”.

Tal preocupação se converteria em ferramenta de trabalho na medida em que passou a fazer etnografia e trabalho de campo de forma sistemática, a servir de “intermediário” entre os negros dos candomblés e os brancos que os estudavam, a defender a liberdade não tutelada dos cultos e ritos, a aliar a luta dos negros à luta de classe, a se valer da teoria marxista para bordar seus objetos de estudo, a se engajar na militância comunista.

O fato de ter se mantido sempre na posição de alguém que “era e não era um deles”, de nunca ter reivindicado a condição de intelectual negro, de permanecer como um polígrafo autodidata em meio à definição de novos critérios de validação do trabalho intelectual produzidos pela institucionalização das ciências sociais, tudo isso, somado, torna Edison Carneiro um caso privilegiado para entender as relações entre classe, raça e gênero na modelagem da vida social e intelectual brasileira. Sobretudo quando descortinadas com o engenho e o desembaraço do autor deste livro notável. Redigido na trilha da melhor tradição ensaística produzida entre nós, ele traz uma contribuição definitiva para a história social dos intelectuais e para o assunto espinhoso e complexo das relações raciais à brasileira.

